

EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO

Um texto anônimo, em língua geral amazônica, do século XVIII

**EDUARDO DE
ALMEIDA NAVARRO**

é professor de Tupi
Antigo e Nheengatu
(Língua Geral) na
FFLCH-USP e autor
de, entre outros,
*Método Moderno de
Tupi Antigo – a Língua
do Brasil dos Primeiros
Séculos* (Global).



Vocabulario da Lingoa é um dicionário manuscrito da língua geral falada no século XVIII em quase toda a Amazônia brasileira e também em territórios hoje pertencentes à

Venezuela, ao Peru e à Colômbia. Essa língua foi aquela em que se expressou a civilização amazônica, que se definiu a partir da inserção dos índios no mundo do colonizador branco mediante sua escravização ou pela mestiçagem. Dezenas de povos indígenas diferentes a falaram. Índios de diferentes línguas e culturas conheciam-na. Com ela passou a se formar o Brasil caboclo do Norte, a civilização ribeirinha da maior região do país.

Até 1877 essa língua foi mais falada que o português na Amazônia, inclusive nas suas cidades, grandes ou pequenas, situadas às margens dos seus rios e igarapés: Belém, Manaus, Macapá, Santarém, Tefé, Óbidos, etc. Somente naquele ano é que o português a sobrepujaria no norte do Brasil, quando mais de quinhentos mil nordestinos, fugidos da seca, migraram para a Amazônia.

A língua geral amazônica, ainda falada no vale do Rio Negro e, desde o século XIX, chamada também *nheengatu*, é irmã da língua geral meridional, que desapareceu no início do século XX. Esta se irradiara a partir da capitania de São Vicente para Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e para as capitanias do sul do país, seguindo o rastro dos paulistas, que avançavam com suas entradas

e bandeiras. Essas línguas gerais deixaram traços profundos nos nomes geográficos e na língua portuguesa do Brasil.

O manuscrito donde colhemos o texto que ora traduzimos está guardado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, sob o número 569. É anônimo, mas sua leitura permite-nos concluir que foi escrito por um missionário, talvez jesuíta, poucos anos antes da expulsão de sua ordem religiosa do Brasil, ocorrida em 1759. É a única literatura conhecida em língua geral amazônica que nos veio do Brasil colonial. É, portanto, texto preciosíssimo. Divide-se em três partes. A primeira e a terceira já se encontram editadas, com suas respectivas traduções¹. Publicamos, agora, a segunda parte, que porta, no manuscrito, o título de “*Narração que Faz um Sertanejo a um Seu Amigo de uma Viagem que Fez pelo Sertão*”.

As três narrativas, em versos, foram escritas por um mesmo autor. Nas duas primeiras, temos um narrador a falar em primeira pessoa e, ao que parece, em caráter autobiográfico. Na terceira história, vemos-lo a narrar fatos na pessoa de um outro indivíduo, real ou imaginário. A intenção literária fica, assim, explícita.

Na presente narrativa, vemos um antigo apresador de escravos a falar de suas peripécias pelo interior do Grão-Pará. Ela é um retrato da vida quotidiana na Amazônia e, especificamente, no Pará, em meados do século XVIII. Ali vemos o catolicismo popular com seus santos, seus sincretismos e práticas mágicas, suas desobrigas, que aquietavam as consciências dos católicos com os sacramentos, mas sem transformar suas vidas. Vemos também a escravização dos índios com a cumplicidade de seus pares, os conflitos dos traficantes com os padres em aldeamentos, a corrupção dos agentes do Estado, a vida nos aldeamentos e comunidades ribeirinhas, a menção a antigas localidades, a prostituição e, até mesmo, a carência alimentar dos tempos coloniais.

Eis o texto e sua tradução. Não seguiremos a pontuação do texto original na tradução por ter sido ele escrito de forma muito livre.

¹ Eduardo Navarro, “A Escravização dos Índios num Texto Missionário em Língua Geral do Século XVIII”, in *Revista USP*, 78. São Paulo, CCS-USP, junho-julho-agosto de 2008, pp. 105-114. Idem, “O Corista Europeu. Tradução de um Texto Anônimo, em Língua Geral da Amazônia, do Século XVIII”, in *Língua e Literatura*, São Paulo, FFLCH-USP, n. 27, 2009.

NARRAÇÃO QUE FAZ UM SERTANEJO A UM SEU AMIGO DE UMA VIAGEM QUE FEZ PELO SERTÃO

Ixé copixápe catú
Aimōgatyrō ygaručú,
Äëbë Apyabetà oçopár,

Äé abé cōytè oiporacár
Mojú cotý auatáuata
Xe tutýra còpe apytá
Oporandüb äé ixébo,
Maiabépe nde pyà indébo?
Umamepe catú ereçó?
Abápe abé nde irūmo oçó?
Aé ixupé: Iepuxàpe,
Tapyýietà recoçàpe
Mocōi Caraíba reté,
Umambäé xe moeté;
Ixe irúnamo oço potár,
Xe abé inhëenga aporacár.
Äé xe Tutýra teité
Oinongucár cetá miapè:
Bejú xíca recè anhëeng,
Meza poçáme ocamëeng
Ëí ixébo: tiambäèü
Co mirî áíra tembiú;
Mojù çupí i porëauçub,
Aipò recè äé noçauçüb.
Comandaí, tacacá abé,
Çupí catú äü ára iabé.
Arecò tres taráýra,
Ëü, ëi, nde xe raýra.
Cobè catú eté, aé ixupé,
Icatù pyrý erëü nde;
Ixe çocé nde tüibäè,
Tembiù recè ereicotemè.
Mocōi çupíá, ëí, arecó,
Äé bé äü ára iabiõ;
Äé çupí xe mōapycýc,
Xe righè ipýpe catú ocýc.
Taráýra äü äéreme,
Amò tembiú noicoreme
I cangoéra xe mocanëõ,
Çupí Sam Braz xe pycyrõ.
Mirí caõí tatá oröü,
Orocäü çupí catú,
Nití ocanhem xe çüí ára,

Eu, nos sertões²,
conserto navios
quando os índios deixam de seguir seu
[caminho.
Eles também, afinal, os abarrotam³.
Para Moju⁴ eu viajava,
ficando na roça de meu tio.
Perguntou ele a mim:
– *Qual é tua intenção?*
Para onde vais?
Quem vai contigo?
Disse a ele: – *Para Iepuxaba,*
*aldeamento de muitos tapuias*⁵.
*Dois senhores (vão comigo)*⁶.
Cada um deles me respeita;
comigo querem ir.
Eu também obedeco a suas palavras.
Ai, aquele meu tio
mandou colocar muitos pães
(falo dos beijuxicas⁷)
na mesa enfeitada e os ofereceu.
Disse-me: – *Vamos comer*
esta pouca comida.
Moju, na verdade, é pobre.
Por causa disso, ele não a aprecia.
Feijões e tacacás⁸
comia eu todo dia.
– *Tenho três traíras,*
disse ele. *Come-as tu, meu sobrinho.*
– *Muito bem,* disse eu a ele,
é melhor que tu as comas;
tu és mais velho que eu;
tu és mais velho que eu;
precisas de comida.
– *Tenho dois ovos,* disse ele;
isso eu como cada dia.
Ele, na verdade, me consolou,
chegando bem ao fundo da minha barriga.
As traíras comi, então,
por não haver outra comida.
Suas espinhas me cansaram⁹.
Na verdade, São Brás me livrou (delas)¹⁰.
Um pouco de aguardente bebemos,
ingerimos muita pinga.
Não perdi o juízo,

- 2 O termo que aqui o autor emprega para *sertão* é *copixaba* (*kopir + sab + -a*), isto é, *lugar em que se carpe, roçado*.
- 3 Os apresadores de índios levavam-nos em navios ou canoas, muitas vezes em péssimas condições. Há documentação que mostra que muitos deles pereciam nessas viagens.
- 4 Moju é uma localidade do atual estado do Pará.
- 5 A análise interna do texto permite-nos concluir que ele foi escrito por um missionário em meados do século XVIII, mas antes de 1757. Isso porque ainda vigia o regime de aldeamentos indígenas sob o comando de padres, que foi abolido por Pombal naquele ano, quando, então, as missões foram laicizadas e transformadas em Diretorias de Índios sob o comando de autoridades civis.
- 6 Isto é, certamente dois negociantes de escravos.
- 7 Beijuxica é um “bolo de farinha de mandioca, pouco espesso e mais rico de tapioca, torrado de forma a se tornar quebradiço quando fresco” (Stradelli, 1929, p. 520).
- 8 Tacacá é um prato típico da Amazônia, uma sopa de goma de tapioca com tucupi, jambu, camarão e pimenta.
- 9 Isto é, por serem demasiadas.
- 10 São Brás nasceu na cidade de Sebaste, Armênia, no final do século III. Foi um médico que se converteu ao cristianismo, tornando-se bispo daquela cidade. Foi degolado durante o reinado de Licínio, imperador do Império Romano do Oriente, em 316 d.C. Segundo uma velha tradição, quando ele se dirigia para o martírio, uma mãe apresentou-lhe uma criança de colo que morria engasgada por causa de uma espinha de peixe na garganta. Ele teria curado milagrosamente aquela criança, passando a ser considerado, desde então, o santo protetor da garganta.

Acuáb mirí xe cüapára.

Anhenong kyçàba pupé,
Akér cöemramèbé,
Opicám üán catù cöaracý,
Apàc cöyté; xe abé ambyacý.
Ixé Tutýra tüibäé,
Ixe irúnamo oiemböé,
S^{ta} Cruz çupí oromonhang,
Padre Nosso abé oroçääng.
Tacacà oröü äé rirè,
Nití oiecüáb amò mbäé;
Äé almoço mirí eté oicó,
Aanangái ruã äé aroirö.
Aiepabòc potar cöytè;
Ajùricò xe tutýra gué,
Erepotárpe mbäé amò?
Nde nhënga rupí aicò.
Ecoäi, éí, xe anama guí,
Erür oiepè cunumí,
Oiepè abè cunhà mucu,
Acepymeëgne catú.
Äéreme, auiebéte, äé,
Toicò xe irùmo Tupã eté.
Äé xe pytybóneme
Indebo arúr äereme
Ygàruçù pupè áar üán,
Apyabetà onhemocainán;
Oiapucuitàba opycýc,
Coritéi Camutápe acýc.
Äépe cüápára çüí,
Aiár cetá mbäé mirí,
Traçados, mocabas abé,
Aipobäé xe möabäetè.
Mocöi ára riré catú,
Acepiác cöyté Araticú;
Açó çapyà Pai robaké
Amëeng papéra ixupé.
Opauán éí Apyabetà;
Ixupé anhëengātā;
Acepiác, éí Pai cori,
Cunumi goaçú mirí,
Ipýri carúcmc açò,
Paí iëbýr papéra opycó;
Cecè omäé catù catù:
Noicói, éí, Apyabuçú,
ybyrareregoàra guí,
Ecenöi Pacicú miri:
Icò cunumí, éí, icatubé,

conhecendo um pouco os meus
[companheiros.

Deitei-me na rede,
dormi durante toda a manhã.
Já fustigava bem o sol.
Acordei, afinal; e eu tinha fome.
Meu velho tio
comigo aprendeu:
fizemos o sinal da Santa Cruz;
rezamos também o Padre Nosso.
Tacacá tomamos depois disso.
Não se via outra coisa.
Aquele era o diminuto almoço;
de modo nenhum o enjeitei.
Queria partir, afinal:
– *Eis que me vou*¹¹, *ó meu tio.*
Queres alguma coisa?
Estou às tuas ordens.
– *Vai, ó meu amigo,*
traze um rapaz,
*uma moça também*¹².
Eu te pagarei bem.
Então eu disse: – *Muito bem!*
Que esteja comigo o Deus verdadeiro.
Se ele me ajudar,
a ti os trarei, então.
Dentro do navio embarquei.
Os índios fizeram provisões,
pegaram os seus remos.
Logo cheguei a Camutá¹³.
Ali dos conhecidos
tomei muitas pequenas coisas,
traçados¹⁴ e armas de fogo.
Isso me deu coragem.
Depois de dois dias, precisamente,
vi, enfim, Araticu¹⁵.
Fui logo para diante do padre;
dei um papel a ele¹⁶.
Disse ele: – *Acabaram-se os índios.*
Diante dele gritei.
Disse o padre: – *Verei hoje*
um rapazinho;
de tarde vou para junto dele.
O padre novamente o papel estendeu;
para ele olhou muito bem.
Disse: – *Não há índios adultos,*
ó comandante.
*Chama o pequeno Francisco*¹⁷.
Disse ele: – *Esse menino é melhor;*

11 Figueira (Arte, 1687, p. 141) ensina-nos que esse era o cumprimento de despedida. A fórmula perdurou até o século XVIII, pelo menos, conforme vemos no texto.

12 Isto é, o tio pedia escravos.

13 Também chamada *Cametá*, nome de localidade do Pará, às margens do Rio Tocantins.

14 Metátese de *terçado*, variedade de espada de folha curta.

15 Araticu era o aldeamento onde o traficante queria apresar índios. É também nome de um rio afluente do Amazonas.

16 Isto é, deu-lhe um documento qualquer; lavrado por alguma autoridade corrupta de Belém, autorizando-o a apresar índios.

17 Francisco era o nome do menino que o padre estava oferecendo ao traficante, talvez querendo enganar-lo com uma falsa promessa.

Oicò cüáb cacáo recé.
 Auiebéte ixupé anhëeng,
 Icò pitùba ereimeeng,
 Aipyà monghetà cöyté,
 Agoacem corí abá reté.
 Oicò ygarupàpe catú
 Mocöi ygàra puçaçù,
 Oiepé xe irúmo araçó,
 Tupã recé acëár amó.
 Açò copixába rupí,
 Aicò goaràma apyábarí,
 Agoacem apyába cetá;
 Moçapýr nhò aimonghetà.
 Amëeng cetà mbäe ixupé,
 ygárpe óar moçapýrbé;
 Aiepabóc cöyté i xuí,
 Oroçó oré rapé rupí.
 Araçò Guavicurú igoàra
 Mocöi apyàba cüapàra,
 Cecè aierobiár etè etè
 Míra pycycára reté.
 Paí róca robaké catú
 Acepiác parreiral uçu,
 Uuas ogoerecò cetá,
 Maiaué catú äe itauá.
 Pái çuí çupí aieruré,
 Ėí, nití äe itauà eté,
 Deiranhé bé itiarö catú
 Deiranhèbé cëe catu.
 Amondò pyçajeramè
 Apyába balaio pupé,
 Amò abè saca ogoeraçó,
 Catù oiporacár saca nhó,
 Äépe cecóreme amò Pai,
 Nití cecatëým ixuí,
 Oiepè nhó möacáruçu,
 Çupí catú nopouçu.
 Pai çuí uvas noieruré
 Möacára recé iabareté,
 Oimondò mamalúceté
 Oipödi çüér opabenhé.
 Äé rirè opocápocà,
 Ocuàb Caraíba cetá,
 Iabáteté cecò aíba mirí
 Noti, nem mirí, nem mirí
 Arucaxápe nití acýc,
 Äé Paí nöxemöapycyc,
 Ixuígoàra araçó abé,
 Moçapýr catú apyábeté.

*sabe trabalhar com cacau*¹⁸.
 Disse-lhe: – *Muito bem,*
eis que me deste alento.
 Pensei, afinal:
 – *Encontrarei bons homens.*
 Havia no navio
 dois barcos novos.
 Um comigo levei;
 por Deus deixei o outro.
 Fui pelo sertão
 para buscar índios.
 Achei muitos índios.
 Conversei somente com três.
 Dei muitas coisas a eles.
 Na canoa embarcaram os três;
 parti, enfim, dali.
 Fomos pelo nosso caminho.
 Levei uns que moravam em Guavicuru¹⁹,
 conhecidos de dois índios.
 Neles confiava muitíssimo:
 verdadeiros apressadores de gente.
 Bem diante da casa do padre
 vi um grande parreiral;
 muitas uvas tinha.
 Estavam bem roxas.
 Pedi ao padre por elas.
 Disse ele: – *Elas não estão bem roxas;*
ainda não estão bem maduras;
ainda não estão bem doces.
 Fiz ir, de madrugada,
 um índio com um balaio;
 outro também levou saca.
 Encheu bem somente a saca,
 por estar ali outro padre.
 Ele não foi avaro delas.
 Um só renque²⁰
 não recusou, na verdade.
 Não pediu as uvas ao padre.
 Nos renques o padre
 mandou um mameluco
 colher todas.
 Depois disso ficou rindo.
 Conhecia muitos brancos.
 Foi terrível seu pequeno mau ato;
 não se envergonhava nem um pouquinho.
 A Arucaxaba²¹ não cheguei;
 aquele padre não me agradava.
 Levei moradores dela, também;
 três índios, exatamente.

18 O cacau é uma das drogas do sertão, nativo das cabeceiras dos grandes rios da floresta amazônica, donde passou para a América Central e sul do México (uma variedade conhecida como *Criollo*, que foi cultivada pelos astecas e maias) e para a Amazônia toda (a variedade conhecida como *Forastero*). O nome com que é conhecida tal planta provém da língua náuatle (*kakauatl*). Ele ainda hoje é encontrado em estado silvestre, sob as grandes árvores da floresta, já que é uma planta umbrófila. O cultivo do cacau começou oficialmente no Brasil em 1687, por meio de Carta Régia que autorizava os colonizadores a plantá-lo em suas terras. Foi no Pará que o cacau começou a ser plantado no Brasil, donde se alastrou para outras partes do país, principalmente, para o sul da Bahia, em meados do século XVIII.

19 Aldeamento missionário não identificado.

20 Isto é, renque ou fila de parreiras. O padre não se importou com que o ladrão furtasse as uvas de um dos renques do parreiral, mas mandou um mameluco, seu criado, colher as dos outros...

21 Nome de um aldeamento não identificado.

22 Nome de um aldeamento não identificado.

23 Os próprios índios, muitas vezes, ofereciam-se ao trabalho servil, buscando alguns favores dos traficantes de escravos, como bebidas inebriantes, o que lhes era proibido nos aldeamentos comandados pelos missionários. No caso aqui narrado, contudo, eles enganaram o apresador de índios, recebendo deste vários presentes, sem se deixarem cativar.

24 A tradução literal de “*Cunhã poxí membyretà*” seria os “filhos da mulher ruim”. O autor usou uma expressão eufêmica, de que não temos em português uma similar.

25 Localidade situada na foz do Rio Amazonas. Ali os portugueses haviam construído um forte em 1639 para conter o avanço dos holandeses pela Amazônia. Nele viviam militares.

26 *Tapuio*, no presente texto, é o mesmo que *índio* ou *mestiço de índio*.

27 Isto é, na cozinha do barco.

28 Grafamos *pirãem*, mas no original há um til sobre o e.

29 No tupi antigo, *kyre'ymbaba* é índio valente e bravo, valentão, guerreiro. Opõe-se, pois, a índio cristianizado, manso, civilizado.

30 Com efeito, a foz do Rio Xingu fica bem próxima de localidades anteriormente referidas.

31 Os remadores dos barcos eram, invariavelmente, índios. Sendo essa uma função muito penosa e parca a alimentação deles, grande era a sua mortalidade, sendo necessário sempre novos braços escravos.

32 Gurupatuba era uma aldeia de índios situada às margens de rio do mesmo nome, o núcleo original do atual município de Monte Alegre, nome atribuído ao lugar por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, em 1758, com o objetivo de impor a língua portuguesa na Amazônia, enfraquecendo a língua geral. A vila, à feição lusitana, foi oficialmente fundada por ele, mas a partir

Tagipurù rupí auatá,
Oiecuáb Apyába cetá,
Ixébo cöyté oiepè éí;
Taçó ndé irũmo S^{er} güí.
Ixé rorý catù cecé,
Amöapycýc opabenhé:
Seý apyába oporepymëeng;
Cetà mbäe ixupé amëeng.
Xe renöi agoéra bäre,
Corí, éí, ajúr Senhor gué,
Taraçò ranhé cò mbäe
Ixe róca teitè pupè.
Iabè onhëeng opabenhé,
Ocëar aõama ombäre:
Oreiebýr eçapyà catù
Çupí noroicöi, éí, pucú.
Noiecuáb rüa apyabetá,
Açarõ, açarõ ára cetá,
Çupí catù açarõ tenhé,
Oiemocarái xe recé.
Xe pyäibeté äereme,
Apyába noiebyreme;
Mondabóruçú çupí oicó,
Oimopòr anhangá recó.
Cunhã poxí membyretà,
Noçauçub Caräibetá
Iandé çüí nocykyié,
Nití abé iandé möetè.
Gurupápe acýc cöyté,
Açó Capitam robaké:
Mbäe etá recé oporandúb,
Tapyiyetá nhó anhandúb,
Sargento, Soraretà abé
Fumo xe çüí oieruré;
Aé: cosinha pupé oicó,
Icatù ixüí peraçò.
Opabenhè opocàpocá,
Ogoeraçó petýmātā
Oiepé nhó xe möetè,
Oimëeng ixébo piráem²⁸.
Tucuretá tápe nacýc;
Copixába rupí apycýc,
Çupí catù quatro apyába
Opacatù kyrymbába.
Xingũpe nití açó potár,
Cetá catú apyába apapár,
Naimopucú potár ára,
Nouatár iapucuitára.
Gurupátýpe açó çupí,

Por Tajipurú²² andei;
apareceram muitos índios.
A mim, enfim, um disse:
– *Hei de ir contigo, ó senhor*²³.
Eu fiquei muito feliz por isso.
Agradei a todos;
a seis homens retribuí,
muitas coisas dando a eles.
O que me chamou
disse: – *Venho logo, ó senhor.*
Hei de levar primeiro estas coisas
para minha casa.
Assim, falaram todos os
que deixariam suas coisas:
– *Voltamos logo;*
na verdade não demoramos.
Não apareceram os índios.
Esperei, esperei muitos dias;
na verdade esperei em vão.
Brincaram comigo.
Eu fiquei muito irado, então,
por os índios não terem voltado.
Agiram como grandes ladrões, de fato;
obedeceram às determinações do diabo.
Os filhos da puta²⁴
não gostam dos brancos;
não têm medo de nós
nem nos respeitam.
A Gurupá²⁵ cheguei, enfim,
indo diante do capitão,
por muitas coisas perguntando,
os tapuios²⁶, somente, observando.
O sargento e os soldados
pediram-me fumo.
Disse: – *Na cozinha está*²⁷;
é bom, levaí dele.
Todos ficaram rindo:
levaram tabaco duro.
Um somente me agradeceu:
deu-me peixe salgado.
À aldeia de Tucuretá não cheguei.
Pelo sertão apanhei
quatro índios,
todos valentes²⁹.
Ao Xingu³⁰ não quis ir:
contava muitos índios;
não queria estender o dia;
não faltavam remadores³¹.
A Gurupatuba³² fui, na verdade,

Xe rorý aóama mirí;
 Tres Tupã Remimonhanga
 Xe çuí opotár poçanga.
 Äé mocöi Uataçara,
 Xe irunamobè igoára,
 Oimëeng poçanga cetá
 Ixé abé anhemopurātā,
 Tres àra catú äépe aicó,
 Mocöi ruão peça aipyçó,
 De bertanha bé moçapýr,
 Aanangài rüā aimoiapýr.
 Cavados de primavéra abé
 Dozè ogoeraçó opabenhé,
 Fitta çuí varas cetá,
 Napapàr cüáb caöi tatà.
 Apytā porëauçüba,
 Anhanga remiauçüba,
 Iabé catú xe rerecò,
 Cetá mbäé äé ogoeraçó.
 Anhemombëü uán cecé,
 Paí xe iacaò eté eté:
 Ereimböacýpe catú?
 Oporandù Paí Pacicú.
 Aimböacý etè Paí guí,
 Naicöi Tupã recó rupí
 Xebo äé Tupã monhyrö,
 Xe mbäé coéra aiacëö.
 Acëár Gurupatüba,
 Umáme naicó pitüba,
 Amò ára pupè äèpe açò,
 Xébo cöyté Tupã nhyrö.
 Amondòc ucár muncüba,
 Cecé oicò Iacumáüba,

Omonhang cem pocoaçába,
 Çupí ocýc cò papaçàba.
 Topajópe cöyté acýc,
 Nābà äépe xe möapycýc;
 Icatú pyrý curabé,
 Naimocucáo xe mbäé.
 Pyçaieramé oiepe öür,
 Cuias oguerúr moçapýr,
 Caöi amëeng ixupé,
 Äé, eimocüär nde iöecé
 Xe pýri öür soraretá,
 Oieruré mbäé cetá,
 Mocacüí, monição abé,
 Petýmabé, e paratíe⁴³.
 Pecepiác cöýr carúc uán,

para me divertir um pouco.
 Três obras de Deus
 de mim quiseram uns enfeites³³.
 Aqueles dois viajantes
 que estavam comigo
 deram(-lhes) muitas miçangas.
 Eu também me deleitei a valer.
 Três dias ali estive.
 Duas peças de Ruão³⁴ estendi
 e três de Bretanha³⁵.
 De modo algum eu as dobrei³⁶.
 Cávados de primavera³⁷ também,
 doze, levaram todos³⁸,
 muitas varas³⁹ de fita.
 Não saberia calcular a aguardente.
 Fiquei miserável,
 escravo do diabo.
 Bem assim me trataram;
 muitas coisas elas levaram.
 Já me confessei a respeito disso.
 O padre me repreendeu muitíssimo:
 – *Arrependeste-te bem?*
 perguntou o padre Francisco.
 – *Arrependi-me muito, ó padre;*
não agi conforme a lei de Deus.
 A mim ele apaziguou a Deus.
 Minhas coisas antigas chorei.
 Deixei Gurupatuba
 para onde não estou manchado.
 Um outro dia ali fui;
 a mim, enfim, a paz de Deus.
 Mandeí cortar uma monguba.
 Nela trabalhou um piloto.

Fez cem talhos⁴⁰.
 Na verdade, bastou esse número.
 Ao Tapajoz, enfim, cheguei;
 ninguém ali me fez agrado;
 era melhor um curabi⁴¹.
 Não fiz passar minhas mercadorias.
 De madrugada veio um,
 e trouxe três cuias.
 Dei pinga a ele.
 Disse eu: – *Cuida de ti.*
 A mim vieram soldados;
 pediram muitas coisas⁴²:
 pólvora, munição também,
 fumo e parati doce⁴⁴.
 Vede agora que entardeceu.

de aldeamento feito por
 padres capuchinhos junto
 aos índios da antiga aldeia
 de Gurupatuba.

33 Isto é, três prostitutas.

34 Isto é, tecido de linho que se
 fabricava em Ruão, na França.

35 Antigo tecido fino, de linho
 ou de algodão, proveniente
 da região francesa de Bre-
 tanha. O traficante estendeu
 pelo chão panos finos para
 se deitar com prostitutas.

36 Isto é, não dobrou os panos
 depois do comércio sexual
 porque as mulheres os
 levaram consigo...

37 Uma variedade de vinho
 verde, produzido na sub-
 região de Cávado, no no-
 roeste de Portugal, uma
 das mais importantes re-
 giões vinícolas do país. As
 parreiras ali são cultivadas
 com outras plantas, sobre
 as quais trepam (*vinha de*
enforcado), desenvolvendo-
 -se longe do solo. As que
 crescem sobre o milho de
 regadio desenvolvem-se na
 primavera e no verão. Daí
 cremos prover a expressão
cávados de primavera, por-
 que é vinho que provém
 de uvas crescidas durante
 aquela estação em Portugal.

38 As prostitutas levaram em-
 bora doze garrafas daquele
 bom vinho...

39 Antiga unidade de medida
 de comprimento, equivalen-
 te a cinco palmos, ou seja,
 1,10 m. Porção de tecido
 com o comprimento dessa
 medida (in *Dicionário Caldas*
Aulete)

40 Ele, aí, se refere à construção
 de uma canoa a partir de
 uma única tora de munguba,
 árvore bombacácea. Com
 cem machadadas, somente,
 o índio piloto do barco fez
 uma canoa.

41 Pequena flecha ervada, de
 uso entre os indígenas do
 norte do Brasil.

42 Ele narra, aqui, uma si-
 tuação de esbulho feito
 por soldados. Ele se livrou,
 porém, deles, partindo de
 madrugada,

43 Com til sobre o e, no original.

44 Parati é nome de uma
 variedade de aguardente
 produzida originalmente na
 localidade de mesmo nome.

(Iabé soraretà aganan)
 Uirandè patuá çüí aiöóc,
 Pyçaieramè aiepabóc.
 Açação nhò Pauxí rupí,
 Nambäé apotár i xüí;
 Acýc potár iepurápe;
 Apytà mirí çaracàpe.
 Abacaxípe abé aiepotár;
 ygàra äépe aiporacár:
 Cinco apyàba catú araçó,
 Paí nhemíma rupí nhó.
 Aierurè iepé ixüí,
 Çupí catú catuçába rupí;
 Äé opocà nhó xe recé,
 Nem mirí, éí, nem oiepé.
 Lá me dyse p^a o Leste,
 Ia que yso mesmo quizeste,
 E bem podias alcançar,
 Como à qui não há q arranhar
 Modestamente respondi eu;
 Irei andando Padre meu:
 Só lhe peço p^a jantar,
 O q tiver p^a me dar⁴⁷.
 Oiepé nhó capitari
 Oguerür ixébo icunumí;
 Cöyté amäé çóca recé,
 Çupí catú xe nde mböé.
 Corí xébo erecepymëeng:
 Piloto äéreme onheeng:
 Mbäé ripe nde pyäíba?
 Nitípe nde Caräíba?
 Acuáb copixába cetá,
 Çupí äépe oicò apyábetà;
 Tiaraçò apyàba äé çüí,
 Paí topycyrö nde çüí.
 Copixába rupí auatà,
 Acepiác carapinetà,
 ygaruçú catú oimonhang,
 Caöí äéreme oçääng.
 Xe çüí nití oiabàb,
 Cetà catú ixüí xe cuáb;
 Cinco nhó xe irùmo araçó,
 Amò ygàra recé toicò.
 Xe rakicoéra cöytè öür
 Mamalüco Paí omböür;
 Äé onhemöabäeté,
 Oçacéçacémbé eté eté.
 Xe iacaó maiabé catú;
 Äé: ecekendáo nde jurù:

Assim enganei os soldados:
 tirei a sorte do patuá⁴⁵;
 de madrugada parti.
 Passei somente pelos pauxis⁴⁶;
 nada quis deles.
 Queria chegar a Jepuraba;
 fiquei um pouco em Saracaba;
 a Abacaxi também aportei.
 A canoa ali enchi;
 cinco bons índios levei
 escondido do padre.
 Pedira um deles.
 A bem da verdade,
 ele só riu de mim.
 – *Nem pequeno nem um só,*
lá me disse. – Para o Leste,
já que isso mesmo quiseste
e bem podias alcançar,
como aqui não há o que arranhar
modestamente respondi eu,
irei andando, Padre meu;
só lhe peço para jantar
o que tiver para me dar.
 Só um capitari⁴⁸
 trouxe-me um menino seu.
 Enfim, olhei para sua casa:
 – *Na verdade eu te ensino;*
hoje a mim pagarás.
 O piloto, então, disse:
 – *Por que estás irado?*
Não és cristão?
Conheço muitos sertões
onde há muitos índios.
Levemos índios dali.
O padre os livre de ti.
 Andei pelo sertão;
 vi muitos carpinteiros
 que faziam um bom navio.
 Pinga então provaram;
 de mim não fugiram.
 Muitos deles me conheciam.
 Cinco somente comigo levei
 para trabalharem noutro barco.
 Atrás de mim, enfim, veio
 um mameluco; trouxe o padre.
 Ele se irritou;
 ficou gritando muitíssimo;
 brigou muito comigo.
 Disse eu: – *Fecha tua boca.*

45 A palavra *uirandé* (em tupi antigo *oirandé*, “amanhã”, “o dia seguinte”) passou a significar também, na língua geral amazônica, futuro, sorte, sina. *Patuá*, no sentido usado no texto, é “um objeto de devoção formado por dois pequenos quadrados de pano bento, com orações escritas ou uma relíquia, que os devotos trazem ao pescoço” (in *Dicionário Caldas Aulete*). No caso acima, o traficante, que estava sendo explorado por soldados corruptos, decide partir por ter consultado seu patuá, onde deviam estar escritas frases diversas, que ele interpretou como lhe parecia mais correto.

46 Indivíduo dos pauxis, povo indígena extinto que habitava a foz do Rio Xingu, no Grão-Pará.

47 Aqui reproduzimos o texto que, originalmente, está em português.

48 *Capitari* é o macho da tararuga, de carne não muito boa.

Onhecamëeng amöetä,
Cöyté nití önhëengätã
Orobàc ucár ygàra,
Nhynhynguár i pyà piàra;

Coritéi çobajúba abé,
Çupí catù äé ocykié.
Piloto xebo omombëú.
Iqué recòì oca catú,
Amäé äereme cecé,
Çupí, aé, nití nde poité.

Eçapyá acem ygára çuí,
Açó cöyté äé oca rupí,
Aporandù goaimí çupé;
Icó oca abà mbäetäé?
Xe Pái copixába róca,
Äé xe porëauçubóca,
Ëí goaimí: aicotemé,
Copixàba oimëeng mbäé
Xe iopói iepè xe Mãy guí,
Auiebète cepý rupí,
Çupí catú xe ambyacy,
Äé recè ajúr iqué cotý.
Nambäé arecò Senhor guí;
Iabé ëí ixébo goaimí;
Nitípe çapucáia?, aé;
Nouatâr iqué amò mbäé.
Çapucáia cetà oicouè;
Paí rëymbába opanhé;
Ndébo çupi naimeengcüáb,
Xe rí tenhé nde putupáb.
Ixé nde Paí camarára,
Nde Paí abé xe rauçupára;
Ereicò cüáb xe iopoitàra,
Aipó opotár Iandé Iára.
Noicói cöyté goaimí poxí
Xe nhëénga catù rupí:
Çapucáia apycýc ucár,
Quatro panacù aporacár.
Goäimí cöyté oçacëçacem;
Xe Paí çupéne, ëí, amocém⁵²

Icò nde recò aíf uçu;
Nde recène oicó Paí guaçu:
Äé: nde nambäé ráma,
Xe remiauçúba rama,
Icatubé xe nde reraçó,
Ixe copixápne ereicò.

Ofereceram-se outros⁴⁹.
Enfim, não vociferou mais.
Mandamos mudar a direção do barco.
Confrangidas estavam as defesas de seu
[coração;

logo ficou pálido também.
Na verdade, ele tinha medo.
O piloto a mim anunciou:
– *Aqui está uma boa casa.*
Olhei, então, para ele
e disse: – *Mas não te convidaram para*
[comer.

Imediatamente saí da canoa;
fui, enfim, através daquela casa⁵⁰.
Perguntei a uma velha:
– *Esta casa é de quem?*
– *É a casa da roça do meu padre.*
Ele é o que se compadece de mim,
disse a velha. – *Preciso*
de um roçado que dê mantimentos.
Alimenta-me tu, ó minha mãe,
ó sim, por remissão (dos teus pecados).
É muita a minha fome;
por isso eu vim para cá.
– *Nada tenho, ó senhor;*
assim me disse a velha.
– *Nem uma galinha?* eu disse.
Não falta nada aqui.
Há muitas galinhas,
todas criações do padre.
– *A ti na verdade, não posso dá-las;*
comigo não te abasteces.

– *Eu sou camarada do teu padre;*
teu padre é também meu amigo;
podes me alimentar;
isso quer Nosso Senhor.
Não agiu, enfim, a velha má
segundo minhas boas palavras.
Mandeí pegar as galinhas;
enchi quatro panacus⁵¹.
A velha, então, ficou gritando,
dizendo: – *A meu Padre mandarei fazer-te*
[pagar
este teu ato muito mau.
Contigo o bispo vai brigar.
Disse eu: – *Tu nada (farás).*
Como minha escrava
eu posso te levar;
nos meus roçados estarás.

49 Isto é, mais índios manifestaram-se dispostos a se entregar ao apressador de escravos, voluntariamente, em troca de aguardente e de outras coisas que ele lhes dava.

50 As casas eram muito compridas, cobertas de sapé, com um vasto copiar; aberto. Daí o autor dizer que foi através da casa.

51 Variedade de cesto, com tampa; canastra.

52 O verbo *mocém* significa fazer sair. Stradelli traduz *mucema* por *remir, livrar, resgatar*. O sentido que esse verbo adquiriu no século XVIII tinha, certamente, um conteúdo religioso, sendo ele usado com o sentido de expiar (pecados, atos maus, etc.).

Aipobäe anhëengramè
 Goaimí oiabáiabáb eté,
 Apocá maiabé catú,
 ybýpe xe reityc pocà uçú.
 Aiepabòc äé çüí,
 Pai rëymbába äü pe rupí,
 Çupí catú ikyrá goaçú.
 Äé abé turuturuçú.
 Iabé ixébo ocepymëeng,
 Capitarí recé anhëeng,
 Iabè catù aimböe äé Paí,
 Cöýr tonhëeng xe rí
 Morobixába, Ovidor abé,
 Aanangài oicò xe recé,
 Paì cupè anhemombëü uàn,
 Morandùba cöyté opauan.
 Tupã çupí turuçú eté,
 Inhyrö opabenhé cupé,
 Auiebetè angaipáb uçú,
 Ixüí Tupã turuçú.
 Tupã morauçubár uçú,
 Iandé rauçúb çupí catú,
 Opotar nhó iaimböacy,
 Aipobäe nití çacy.
 Iepuräpe acýc cöytè,
 Açò tapyýia recé
 Ygarupápe aiepotár,
 Tubixába acenöi ucár.
 Öür júri rubixába,
 Opópe ogoerúr mocába,
 Ĭ irúnamo aiecotýár vel
 Cecè catù aiecotýár⁵⁷
 Inhëengabé aiporacár,
 Aipyrypán cetá mirí
 Cunhãmucú etá, e Cunumí,
 Oropycýc cetá catú,
 Opabenhé cunumí goaçú,
 Coritéité aiepabóc,
 Paranà rupí aiparabóc,
 Moçapýr tüibäe uçú,
 Çupí ocepiác pytún uçú.
 Moçapýr bé goaimí reté
 Çakycóera amondó cöytè,
 Aänangài öü cüáb öí,
 Aanangáité abé öü caöi.
 Ycyrýca irúmo auatà,
 Pauxípe aanangài apytá,
 ypytera rupí oroçó,
 Oiecuáb üán Cäapöö.

Quando eu falei isso,
 a velha desatou a fugir.
 Ri bastante;
 no chão um grande riso fez-me cair.
 Parti dali.
 As criações do padre comi pelo caminho.
 Elas estavam realmente bem gordas;
 elas também estavam bem grandes.
 Assim me pagaram.
 Falei ao capitão:
 – Assim bem ensinei aquele padre.
 Agora hão de falar de mim
 o Governador, o Ouvidor também.
 Não me interessa de modo algum.
 Ao padre já me confessei.
 As notícias afinal se acabaram.
 Deus é, de fato, muito grande.
 Ele perdoa a todos
 um grande pecado;
 Deus é maior que ele.
 Deus é muito compassivo.
 Ele nos ama de verdade;
 quer somente que nos arrependamos.
 Isso não é difícil.
 A Jepurá⁵³ cheguei, enfim.
 Fui por causa dos tapuios;
 cheguei ao porto;
 mandei chamar o tuxaua⁵⁴.
 Veio o chefe dos iuris⁵⁵.
 Em suas mãos trazia pólvora.
 Com ele me aliei⁵⁶;

 obedeci a suas palavras.
 Comprei muitos pequenos,
 muitas moças e meninos.
 Apresamos muitos,
 todos os rapazes.
 Logo parti.
 Pelo rio escolhi
 três velhos, bem velhos.
 De fato enxergam na escuridão⁵⁸.
 Três velhas também.
 Segui-os, então, enfim.
 De modo nenhum podiam comer farinha;
 de modo nenhum bebiam pinga.
 Com o rio que corria eu viajava.
 Nos pauxis não fiquei de modo algum.
 Fomos pelo meio do rio;
 apareceu uma ilha:

53 Localidade não identificada.

54 *Tuxaua* é o mesmo que *cacique*, o chefe de um grupo indígena.

55 Indivíduo dos iuris, povo indígena extinto.

56 Veja-se que o próprio chefe de um grupo indígena (os pauxis) era conivente com a escravização de seus companheiros.

57 O texto apresenta uma expressão variante, com o mesmo sentido. O termo *vel* é latino, significando *ou*.

58 Era bem conhecida a habilidade dos índios em guiar as embarcações, inclusive à noite, por sua grande acuidade visual. Claude d'Abbeville fala-nos disso: "Durante nossa viagem de regresso, os índios que trazíamos conosco, muito antes de qualquer tripulante, percebiam os navios no horizonte graças a sua vista maravilhosa".

Gurupà cäapoõ äé
 Mirí nhó ixüí acykyié,
 Oroçò cäapoõ rupí,
 Apocà mocabòca uí.
 Xe copixápe catú acýc,
 Tapyyietà amöapycýc,
 Xe irunamogoàra çupé,
 Aimëeng quatro tuibäé,
 Nābà xe çüí oipycyrō,
 Cecé nābā xe mocanëō,
 Cöecenheým xe cópe oicó,
 Çupí xe tomaramo amó.
 Anhemombëú uán cecé
 Eimëeng umé abá çupé,
 Ēí Paí: eimociár abé cecé,
 Nde räyretà iabé.
 Aé; cobé catù eté eté.
 Ah Tupā ocuáb aipobäé!
 Maiabé i irúmo aicò,
 Maiabé äé xe rerecó.
 Cöýr çupí xe anga aganan,
 Tëō rí nanhemocainán
 Co ára mbäé rí aiporará,
 Çupí na xe anga recé rüā.
 Aruanëým eçapyà ipò
 Xe pýri öurne xe rëō;
 Mbäépe äéreme agoacem?
 Mbäé pabe ocanhem
 Aipyà monghetà potár,
 Pãi catù corí acecár;
 Taicò porëauçubóra,
 Xe rëō riré ybakipóra.

Coritéi i có ára oçação,
 Amò recobé nití opáb,
 Quatro nhó tapyýia recé,
 Acanhemne auieramanhè!
 Xe cüapàra agoéra omanó,
 Umámepe i angóera oçó?
 Äé tapyýietà oipocoár abé,
 Ocëár öanáma çupé.
 Xe anáma ambyra cetá
 Opocoàr tapyyietà;
 Mbäépe cöýr ogoacem?
 I angóera ipò ocanhem.
 Opacatú icò ára mbäé,
 Mbäé rámape opabenhé?
 Ocanhem ramé xe angóera,
 Ocanhem abé xe mbäé coéra.

era a ilha de Gurupá.
 Tive um pouco de medo dela.
 Fomos pela ilha;
 estourei pólvora.
 Cheguei à minha roça;
 matei a fome dos tapuios
 e aos que moram comigo
 dei os quatro velhos.
 Ninguém os libertou de mim.
 Ninguém me perturbou por causa deles.
 Antigamente estavam em minha roça.
 É verdade que eu tomei outros.
 Já me confessei disso⁵⁹.
 – *Não os dê a ninguém*,
 disse o Padre; – *Cuida também deles*
como de teus filhos.
 Disse eu: – *Eis que tudo está muito bem*.
Ah, Deus sabe disso!
Assim como estou com ele,
assim ele me tem consigo.
 Agora, é verdade que minha alma enganei,
 com a morte não me preocupei,
 pelas coisas deste mundo eu sofri
 e não por minha alma.
 De forma inadequada, de súbito
 a mim virá minha morte.
 Que, então, hei de encontrar?
 Todas as coisas desaparecem.
 Quero meditar.
 Um bom padre procurarei
 para que eu me penitencie
 e, após minha morte, um habitante do céu
 [(eu seja).

Logo este mundo passa,
 a vida do outro não acaba.
 Por causa de somente quatro tapuios
 hei de me perder para sempre!⁶⁰
 Meus antigos conhecidos morreram.
 Para onde suas almas foram?
 Eles apresaram tapuios também;
 deixaram-nos para seus parentes.
 Meus parentes, muitos são defuntos.
 Apresaram tapuios.
 Que encontram agora?
 Suas almas certamente se perderam.
 Todos os bens deste mundo,
 para que todos eles?
 Se minh'alma se perde,
 desaparece também o que foi meu.

59 O apresador de escravos mostra que era considerado pecaminoso escravizar pessoas velhas para o trabalho penoso das roças. Havia, assim, uma ética na escravidão, que os conselhos do padre, expressos nas linhas seguintes, deixam ainda mais explícita.

60 Ver nota anterior.

CONCLUSÕES

O texto que lemos acima ilustra bem as contradições da sociedade colonial brasileira, em que a escravidão indígena, embora condenada em vários momentos por documentos da Igreja e por cartas régias, subsistia como elemento necessário para a ordem econômica vigente. A colonização da América, nas partes em que o modelo econômico agroexportador dominou, não podia prescindir da mão de obra escrava. Toda a nossa história colonial foi dominada por esse dilema insuperável entre a moral cristã, ferida frontalmente pela brutalidade do apresamento de centenas de milhares de seres humanos, mesmo em tenra idade, para o trabalho forçado nas fazendas, nas minas, nas casas de família, nos conventos, nas tropas, nas embarcações, e a necessidade premente que o capitalismo mercantil tinha desses braços para colonizar um continente imenso e fortalecer a economia de alguns Estados europeus.

Muitas vezes crítica, muitas vezes cúmplice, a Igreja não podia passar ao largo dessas contradições. Se ela produziu espíritos proféticos como Bartolomeu de Las Casas, que abertamente pugnaram contra a

escravidão dos índios, também medraram à sombra do catolicismo colonial muitos espíritos tacanhos que se acomodaram a uma situação que o Antigo Regime referendava. Catolicismo de resignação, de salvação da alma, de pastoral exclusivamente sacramental, útil para a justificação das iniquidades sociais, foi, às vezes, incômodo para o *statu quo* vigente.

A língua geral, em que o texto acima está escrito originalmente, ainda é falada no vale do Rio Negro, no estado do Amazonas, região que, por seu isolamento, permitiu que ela ali perdurasse. Ali ainda a ouvimos nas comunidades ribeirinhas, nas vilas e cidades, nos castanhais e nos igarapés. Ali ainda temos ideia do que foi a vida no estado do Maranhão e Grão-Pará, independente do estado do Brasil e administrado à parte deste até a independência do nosso país.

E quanto desse tempo ainda existe nessa Amazônia profunda, que ainda não foi afetada pelo agronegócio, sendo resquício de um Brasil antigo, de rostos caboclos, com canoas a singrar incessantemente os seus cursos d'água, com muitas histórias contadas por seus habitantes, que ainda veem o Curupira na floresta e monstros terríveis nos seus rios...

BIBLIOGRAFIA

- D'ABBEVILLE, Claude. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia. 1975.
- IBGE. Cidades. In <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>.
- NAVARRO, Eduardo. *Dicionário de Tupi Antigo – A Língua Indígena Clássica do Brasil*. São Paulo, Global, 2011.
- STRADELLI, Ermano. "Vocabulários de Língua-Geral Português-Nheengatu e Nheengatu-Português", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 158. Rio de Janeiro, 1929.
-